

HISTÓRIA DE ANGOLA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SUAS FONTES DE PESQUISA

Isabella Monteiro da Rocha Ramos³⁶⁹

Maurício de Sena Monteiro³⁷⁰

Resumo: Essa nota de pesquisa tem por objetivo analisar a historiografia construída acerca do território angolano, visando ferramentas de análise científicas para a pesquisa. O projeto possui dois corpora documentais: a edição digital da Monumenta Missionária Africana (MMA) considerado “o mais completo acervo documental publicado em língua portuguesa sobre a África Ocidental entre os séculos XIV e XVII”³⁷¹ e os “Cadernos do Promotor”, documentação de caráter inquisitorial, disponível ao público pelo site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo - ANTT, Lisboa, Portugal. Por fim, essa análise pretende ser uma contribuição ao processo de reescrita da História de Angola; sublinhando nas duas corpora documentais supracitados os aspectos políticos e econômicos, bem como as questões culturais e cotidianas, buscando realizar uma visão crítica do acervo documental português.

Palavras-chave: História de Angola; Fontes; Pesquisa.

HISTORY OF ANGOLA: NA ANALYSES OF SOCIOCULTURAL, POLITICAL, ECONOMIC RELATIONS AND ITS SOURCES OF RESEARCH

Abstract: This research note aims to analyze the historiography built about the Angolan territory, aiming at scientific analysis tools for research. The project has two documentary corpora: the digital edition of the African Missionary Monumenta (MMA) considered "the most complete documentary collection published in the Portuguese language about West Africa between the fourteenth and seventeenth centuries" and the "Cadernos do Promotor", documentation of an inquisitorial nature, available to the public on the website of the Arquivo Nacional da Torre do Tombo - ANTT, Lisbon, Portugal.

³⁶⁹ Graduanda em História na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5039022077731332>. E-mail: m.isabella@outlook.com.

³⁷⁰ Graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo (2022). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1686125096381947>. E-mail: mauricio.monteiro@unifesp.br.

³⁷¹ Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental. Coligida e Antada pelo Padre Antônio Brásio. Edição Digital org. Manuel Jasmins Rodrigues, ICT, CHAM, Lisboa, 2011.

Finally, this analysis intends to be a contribution to the process of rewriting the History of Angola; underlining in the two above mentioned documental corpora the political and economic aspects, as well as the cultural and daily life issues, seeking to accomplish a critical view of the Portuguese documental collection.

Keywords: History of Angola; sources; Research

Introdução

O interesse pela História de Angola bem como a construção para esta nota de pesquisa ocorreu durante a realização da monitoria da Unidade Curricular: História de Angola: Temas, fontes e perspectivas realizadas no primeiro e no segundo semestre do ano de 2020. A disciplina foi ministrada pela Prof.^a Dr^a Fabiana Schleumer e nela, estudou-se a trajetória histórica de Angola do século XV até o século XIX, abordando as formas econômicas, sociais e culturais anteriores ao advento do tráfico atlântico, além das transformações sociopolíticas e religiosas ocorridas ao longo dos séculos XVI, XVII e principalmente no XVIII. Ademais, ao longo do curso, explorou-se o estudo da História de Angola no período pré-colonial para melhor compreender as relações entre Angola e Brasil por meio dos conceitos de mundo atlântico e *crioulização*³⁷²

Além disso, ao longo do semestre participamos das atividades desenvolvidas pelo grupo de Estudos e Pesquisa: “Lucala: As Áfricas e suas conexões”. As atividades desenvolvidas pelo grupo consistiram em lives com professores da Unifesp e de outras instituições federais de ensino superior. Entre as atividades que acompanhamos tivemos a oportunidade de presenciar e participar de debates acerca das dinâmicas da Angola Pós-Colonial, as visões sobre a África negra no mundo Greco-romano e o

³⁷² FERREIRA, Roquinaldo. Cross-cultural Exchange in the Atlantic World. Angola e Brazil during the Era of the Slave Trade

protagonismo negro nos pós-abolição pautadas na história e historiografia.

Por conta da conjuntura atual da COVID-19, as universidades brasileiras disponibilizaram algumas unidades curriculares optativas, sendo uma delas ministrada também pela Prof^a Dr^a Fabiana Schleumer. No referido semestre, tivemos a oportunidade de participar da seguinte optativa: Áfricas em movimento: sons, textos e imagens. Esta disciplina possibilitou a obtenção de um quadro geral do contexto africano no pós-colonial. Contou ainda com a presença de alguns convidados, a especificar, José Eurico, jornalista na Rádio Nacional de Angola por 28 anos e é redator do Jornal O Kwanza – e o Prof^o Dr^o Eugênio Costa Almeida.

Em suma, todos os conteúdos e experiências obtidas ao longo dessas atividades foi possível nos aprofundar e expandir a nossa pesquisa dentro do campo da história da África.

Novas perspectivas de pesquisa

O ambiente acadêmico, instituições de ensino básico e o saber popular devem buscar a pluralidade visando espaços inclusivos e democráticos. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, escreve em seu livro “O perigo de uma história única”:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32).

Durante muito tempo a historiografia se manteve refém aos perigos da história única, se baseando em fontes, dados e referências que subjugarão diversas sociedades. Quando abordamos a questão da África, em especial Angola, esse tipo de visão ainda será resistente.

Visando quebrar com a lógica de submissão e passividade dos povos africanos, as experiências supracitadas, apresentou textos, discussões em aulas, fontes e documentos que demonstraram as relações híbridas que se estabeleceram em Angola. Aprendemos observar e fazer críticas a fontes, em uma perspectiva que coloque os angolanos como agentes ativos de sua história. Consubstanciando tal ação através de referenciais teóricos que abordaremos no decorrer da escrita.

As produções acadêmicas como a historiografia, são produzidas através de fontes que representam pessoas de seu tempo e espaço. Trazer tais documentos para interrogações no presente, requer análise e interrogação sobre o conteúdo do objeto de estudo. Os documentos

de Angola precisam minuciosamente serem estudados e questionados, tendo em vista que suas produções não se deram sobre a visão do africano. Quem irá fazer esse tipo de análise crítica somos nós! seja historiadores, cientistas sociais, literários: os acadêmicos contemporâneos. Então é preciso compreender o documento como um todo e não replicá-lo e deixá-lo dizer por si só, é necessário desconstruir uma história de preconceitos sobre “a África”. Como escreve Isabel de Castro Henriques:

é mostrar como as “presenças angolanas” nas fontes portuguesas, que no passado e frequentemente através dos mesmos documentos eram apresentadas como “presenças passivas”, são “presenças activas”, dinâmicas e autónomas, definindo opções e tomando iniciativas, assumindo o papel hegemónico nas relações com os Portugueses, até aos finais do século XIX. (HENRIQUES, 1997, p. 29).

Diante disso, a história há pouco tempo possuía uma visão científica, legitimada sobre África que a fazia ser receptora passiva de todas as atrocidades de sua colonização. Como escreve Heintze: “... com o perigo de reduzir e distorcer a perspectiva histórica de uma forma injusta” (2007).

Ademais, com relação a síntese da bibliografia documental, o artigo “A Inquisição em Angola e Congo: o inquérito de 1596-98 e o papel mediador das justiças”, publicado em 1988, por José Horta constitui o ponto de partida para a discussão a respeito da utilização das fontes inquisitoriais para o estudo da História de Angola. Nele, o autor apresenta a necessidade de entender o específico, os fatores geográficos e culturais que nortearam a ação do Santo Ofício, principalmente, em espaços onde o tribunal não funcionou.

O estudo realizado por Horta assenta-se na análise das testemunhas. No que diz respeito a Inquisição, o autor afirma que: a) É necessário traçar um perfil de quem denuncia e de quem é denunciado, bem como entender como se estabelece a relação com a comunidade local; b) Situar o inquérito em termos cronológicos, geográficos, bem como situá-lo nas esferas das justiças locais pré-existentes; c) entender a importância e diferença existente entre os vários tipos de delitos.

Na análise deste caso, José Horta concluiu que:

O inquérito não se interessou pela população de origem africana convertida, quer como testemunhas, quer como potenciais delinquentes. Há, no entanto, uma preocupação pela evangelização. Neste aspecto, se por um lado por outro, há o que contar com o fato de na época, serem os jesuítas que conduziram o inquérito, os principais agentes desta evangelização não se deve perder de vista a diversidade de situações políticas do Congo e Angola.(HORTA, 2015. Pp.393)

Porém, “as novas tendências desafiam os historiadores a encontrar novos caminhos para definir as fronteiras espaciais de importantes processos na história mundial. Nestes desafios, e em muitos outros, o surgimento da Escola dos Annales na França interagiu de maneira criativa com o

desenvolvimento da história africana"³⁷³. Foi um movimento importante porque passaram a desafiar a ortodoxia do estilo histórico focado no estudo crítico dos documentos, especialmente, aqueles que relatavam minuciosamente os eventos políticos, abrindo-se a possibilidade para que os historiadores passassem a considerar outros tipos de fontes para seus estudos.

Segundo Feeirman, os historiadores africanos diziam que mesmo se as fontes convencionais existentes se silenciam sobre a África, isto não pode ser tomado como evidência de que nada tinha acontecido na África. Se os contornos da história mundial foram determinados pelos silêncios de nossas fontes, e não pela forma dos objetos históricos, então nós precisamos encontrar novas fontes.

Todo esse processo é extremamente importante para se ter a historiografia atual pensando a cultura africana em primeiro plano, além de que possibilita a reflexão da relevância de se estudar a História da África com o africano sendo o sujeito e objeto principal de sua própria história.

No século XIX existe a produção de uma historiografia muito forte da perspectiva portuguesa sobre seus feitos na África. Como escreve Flávia Maria de Carvalho, " Boa parte dessa documentação é construída por memórias que apresentam os governadores como corajosos heróis dedicados à uma causa maior de civilizar povos selvagens"³⁷⁴.

A ideia de colocar os angolanos em um lugar de passividade se mostra contraditória dentro dos próprios documentos portugueses, onde estes demonstram uma resistência aos tipos de colonização dos europeus,

³⁷³ FEEIRMAN, Steven. African Histories and the dissolution of World History. IN. ROBER BATES, V.Y.

MUDIMBE E JEAN O' BARR. Africa and the disciplines. CHICAGO_ LONDON, The University of Chicago Press, 1984. p.4

³⁷⁴ CARVALHO , Flávia. Os homens do rei em Angola: sobas, governadores e capitães mores, séculos XVII e XVIII . Tese (Doutorado em História Social)- Universidade Federal Fluminense, 2013.

tais denominados de “Sobas rebeldes”. Como podemos ver no trecho de Carvalho: “Nos séculos XVII e XVIII os sobas de Quissama ofereceram forte resistência à penetração portuguesa nos sertões, o que fez com que fossem frequentes os embates entre tropas metropolitanas e exército locais”³⁷⁵. Ou “Um dos desafios desse governador foi conseguir permissões junto aos sobas para que estrangeiros portugueses pudessem transitar nos sertões. As resistências das chefias locais mbundu ficam nítidas com a proibição e bloqueios dos caminhos africanos”³⁷⁶. Isso nos revela que os africanos angolanos se estabeleciam através de resistências, lutas e negociações, indo contra as imagens de ser passivo e submisso que tanto foram construídas através da ótica europeia.

Muitos dos documentos encontrados da perspectiva portuguesa colocam que alguns sobas angolanos se renderam e não mostraram resistência à sua dominação. Segundo o documento intitulado “Catálogo dos governadores”:

Satisfeito o governador do parecer dispondo as coisas necessárias, partiram para o sertão. Na passagem do rio Kwanza rumo à Quissama, vieram quinze sobas render-lhe obediência, mas negando-a três que eram mais poderosos, e ainda que Dom Jerônimo levava quatrocentos infantas, e vinte e um cavalos, não foi este poder bastante a sujeitá-los, porque quando os atacavam, se reconheciam a uns matos tão impenetráveis de espessos, e cheios de espinhos, que até ao fogo resistiam, por se conservarem e cativaram-lhe, mas não bastando reduzi-los.³⁷⁷

Esse é um dos exemplos, de como as documentações ocultam as grandes resistências. Mas o que é explanado, que os sobas prestaram obediência imediata. Entretanto, estes possuíam pouca resistência bélica, e para não sofrerem com uma luta desigual preferiram a sujeição. Ou seja, por uma questão de poder militar houve a obediência e não como um ato

³⁷⁵ [idem, p.90]

³⁷⁶ [idem, p. 92 e 93]

³⁷⁷ MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA. “Catálogo dos governadores...”, p. 352.

político e simbólico, como sugere os trechos dos documentos produzidos a partir do século XIX.

Outro aspecto que estamos trabalhando é um dos documentos presente no volume 7 da MMA³⁷⁸ intitulado "consulta da junta sobre o baptismo dos negros adultos", datado do ano de (27-6-1623) tem como características principais o fato de ser transcrito e digitalizado pelo Padre Antônio Brásio. Inicialmente, o sumário explica de forma sucinta o que o documento relata. Além do fato que o documento da Monumenta Missionária Africana se encontra tanto no Arquivo Histórico Ultramarino, como também no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. O documento da "consulta da junta sobre baptismo dos negros adultos"³⁷⁹ em resumo, é uma carta que trata sobre a problemática do rebatismo de negros adultos, em vista de que não se teria feito uma catequização com eles antes. O primeiro ponto é que muitos africanos foram batizados e estavam chegando em Índias de Castela, considerados convertidos ao catolicismo, mas o presente documento mostra que muitos dos negros adultos que passaram por esse processo nem sabiam do por que estavam sendo submetidos a tal ação. Ou seja, realizaram o ato paroquial de modo simbólico, mas não se introduziram realmente a uma cultura religiosa católica. O segundo ponto é que o clérigo ao perceber que estes não tinham sido doutrinados, sugerem o processo de rebatismo a fim de primeiro catequizar e depois batizar. Para que isso ocorresse, o documento mostra que foram sugeridas algumas ações como: i) a obrigatoriedade de ser catequizado e batizado para poder transitar de Santiago de Cabo Verde para Índias de Castela; ii) a criação de um Colégio

³⁷⁸ MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA

³⁷⁹ MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA. "Consulta da junta sobre o baptismo dos negros adultos". Documento 39, v.7.

de catequese em Cabo Verde e de uma Residência de Jesuítas, a fim de fomentar o catolicismo nesses lugares; e iii) de modo a assegurar que nenhum africano chegasse na Índias de Castela sem cumprir a catequese e o batismo, fica instituído que para qualquer navegação entre esses dois lugares fosse acompanhado de um representante do Clérigo. Assim, caso um dos transportados sofresse algum acidente ou morresse no trajeto, este poderia confessar e tecer pela salvação da sua alma.

Em análise, é possível apresentar em conjunto com a documentação de Christovão Soarez que além do fato de que há uma preocupação diante da circunstância de haver uma salvação da alma, não se pode esquecer o fato de estar acontecendo um processo de colonização da Índias de Castela em Santiago de Cabo Verde, que tem como “ordem a V.Majestade” que é em si a coroa Espanhola nos anos de 1623. Além de que está ocorrendo diante desses territórios o Santo Officio que tem como base os processos inquisitoriais, então, dessa forma, podemos supor que assim como ocorria esse processo de batismo também poderia ocorrer as inquisições. A Igreja Católica tem como sistema identitário a catequização, assim como o Concílio de Trento que era a “grande missão de catequização” que estava acontecendo nesse período. Consequentemente, é necessário analisar que não se trata apenas de um meio religioso como também um meio político. A partir do momento na qual Cristovão Soarez propôs que os colonos aprendessem a língua portuguesa, isso passou a mudar socialmente a Ilha de Santiago. Pois em nenhum momento ele refere-se a religião que já existia no território, ocorrendo uma exclusão, invisibilização do conhecimento e consciência do povo.

Com base na leitura do documento, é possível destacar que o preconceito frente a população que vivia na região de Santiago de Cabo Verde não se limitou apenas ao âmbito religioso, pois percebemos as

seguintes expressões depreciativas em referência aos africanos: “como hé gente barbara” ou ainda “que como hé gente bruta não entendem o que se lhes faz tão facilmente quanto baste.”³⁸⁰ reforçando novamente a ideia carregada de estereótipos de que a população que ali estava não eram civilizados tal como eles, os cristãos brancos.

Contudo, trabalhar com África é entender diversas ferramentas do fazer historiográfico, diante disso, as três principais fontes para recomposição da historiografia africana são: 1) Arqueologia; 2) Fontes escritas; 3) Fontes Orais; Os historiadores ocidentais foram indisplícites enquanto a essa última fonte. De um lado existe a África objeto, que irão categorizar e homogeneizar o continente como um todo, e existe a África dinâmica, que mostra uma África plural e diversa: as Áfricas. É preciso criar aproximações através de instrumentos teóricos e metodológicos que nos ajudam nesta reflexão. A África conduz sua construção de conhecimento através da oralidade, obviamente não abandonando outros métodos, mas sendo essa sua principal ferramenta. Para Beatrix Heintze em “Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre Fontes, Métodos e História”:

Apesar de um número crescente de objeções críticas e restrições, a resposta a esta questão por parte da maioria dos historiadores continua a ser bastante positiva. No entanto, tornou-se necessário evitar a uma utilização demasiado literal das tradições orais. Em compensação, alguns conhecimentos aprofundados sobre a formação e estruturação das tradições, bem como sobre a natureza dos seus elementos (variável com o tempo), possibilitaram um novo acesso à sua compreensão. (HEINTZE, 2007. p. 29).

Fomentar a oralidade como fonte para o Ensino, Pesquisa e Extensão nos permite acessar novas informações históricas. Trazendo significâncias historiográficas a todos os detalhes do que for relatado oralmente. Entretanto, a adição da fonte escrita ao oral permite confirmar ou invisibilizar

³⁸⁰ MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA. *Consulta da junta sobre batismo dos negros adultos v.7*

as especificidades dos relatos de história oral, como também ter mais informações sobre o seu processo de formação. Para utilizar história ou tradição oral como fonte requer uma formação e metodologia a serem estudadas e testadas, de modo, a alcançar a formalização deste documento histórico. Tal formação é composta por diversas etapas, muitas das vezes como vemos em experiências passadas tais histórias foram tidas de modo incorreto, por vezes intencionalmente, produzindo visões incoerentes e/ou falsas sobre a África. Do mais, Heintze nos explana:

Comparativamente a muitas outras regiões de África, dispomos, no que respeita à História de Angola, de um extraordinário manancial de fontes. Para este estudo, recorreremos principalmente a fontes escritas documentais e a tradições orais que têm de ser sujeitas a uma rigorosa crítica de fontes... O principal perigo consiste na facilidade ou na impossibilidade de se ser acusado de interpretação errónea ou de fabricação leviana e no facto de não ser possível, dada a escassez do material disponível para uma comparação, reconhecer confirmações fictícias. (HEINTZE, 2007. p. 60).

Adicionalmente, quando refletimos essa escassez de narrativas sobre a África, não podemos deixar de citar e nos perguntar de que forma se deu as relações das mulheres africanas? Como se inserem nesse cotidiano? E é com base nisso que a autora Mariana Candido afirma que são poucos os estudos sobre a história das mulheres no continente africano que analisam o período antes do final do século XIX e salienta que é possível escrever uma história africana anterior ao século XX, resgatando assim as mulheres da marginalidade e colocando-as como personagens centrais³⁸¹. Da mesma forma, segundo Vanessa Oliveira, as mulheres investiram em várias atividades comerciais em Luanda durante o século XIX, desde o tráfico de escravos ao abastecimento de alimentos. De modo que as conexões comerciais e afetivas entre negociantes expatriados e intermediários locais eram

³⁸¹ CANDIDO, Mariana. As comerciantes de Benguela na virada do século XVIII: o caso de Dona Aguida Gonçalves. P.223-224

essenciais para o desenvolvimento do comércio, e mulheres africanas e luso-africanas se beneficiaram dessas interações atlânticas³⁸².

A partir dessas análises presentes no trabalho de Vanessa Oliveira é possível entender que a experiência dessas mulheres no comércio de alimentos e no tráfico de escravizados contradiz a imagem de submissão e passividade atribuída as mulheres africanas. Além disso, “elas aproveitaram as oportunidades criadas pelo cotidiano de uma cidade portuária que lhes permitiu adentrar uma economia dominada por homens. Através de sua atuação como comerciantes, elas podiam operar independentemente elevando seu status econômico, bem como de suas famílias”³⁸³. De certo, as mulheres livres exerceram uma variedade de funções econômicas na colônia, que iam desde quitandeiras ou vendedoras do comércio a retalho até traficantes de escravizados, sozinhas ou em sociedade com mercadores estrangeiros.³⁸⁴ Representando então que elas foram tomando proveito das oportunidades que iam aparecendo com a intenção de ascender na sociedade, cada qual em sua respectiva classe social, o que nos faz refletir de que entre essas mulheres havia uma divisão a partir de suas diferentes realidades. Por Oliveira, as mesmas são divididas entre Donas, pretas livres e escravas³⁸⁵.

Por fim, Angola é um campo vasto a ser explorado e muitos temas podem ser trabalhados. Algumas questões apresentadas aqui podem ser aprofundadas em outras tantas temáticas. A grande questão é como iremos

³⁸² OLIVEIRA, Vanessa. “Mulher e comércio: A participação feminina nas redes comerciais em Luanda (século XIX)”. In: Angola e as Angolanas: Memória, Sociedade e Cultura. Orgs: Selma Pantoja, Edvaldo A. Bergamo, e Ana Claudia da Silva, Intermeios, 2016, p.148.

³⁸³ [ibidem]

³⁸⁴ [idem, p.134]

³⁸⁵ OLIVEIRA, Vanessa. “Donas, pretas livres e escravas em Luanda (séc. XIX). Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 447-456, set.-dez. 2018

trabalhar essas fontes e como iremos ler essas fontes, de modo, que se coloque os angolanos como agentes ativos.

Em suma, os objetivos dessa pesquisa são:

a) Analisar as tradições religiosas não cristãs³⁸⁶ presentes em Angola e vivenciadas pela população local: saberes; práticas e suas formas de manifestação; inclusive as concepções de Magia.

b) Compreender a especificidade da ação do Santo Ofício em Angola em perspectiva atlântica.

Material e método

Perante os acervos utilizados nesta nota de pesquisa, façamos nosso questionamento da historiadora Isabel de Castro Henriques. As fontes europeias “devem e podem ser interpretadas, dando aos angolanos o lugar central na sua própria história, na História de Angola³⁸⁷.

Em termos metodológicos, este projeto insere-se no âmbito da Micro-história, todavia, é preciso considerar a especificidade de cada conjunto documental que constitui esta pesquisa. Em outras palavras, ao mesmo tempo que utilizarei a Micro-história, não será deixado de lado as relações entre o micro e o macro. Há a necessidade de se articular as narrativas “miúdas” ao contexto universal, exercício metodológico que será realizado ao longo desta pesquisa.

³⁸⁶ Segundo John Thornton, nos séculos XVI e XVII a religiosidade era “recebida”, isto é, revelada por seres que não pertencem mais ao mundo dos vivos. Tratava-se de uma filosofia religiosa calcada na interpretação e não na formação. Entre os africanos essas revelações dividem-se em agrupamentos: presságio e adivinhação. Sobre isso ver: Thornton, John. *A África e os africanos na formação do novo mundo atlântico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Pp. 312-354

³⁸⁷ HENRIQUES, Isabel de Castro. Presenças angolanas nos documentos escritos portugueses. IN. *Actas do II Seminário Internacional sobre História de Angola: Construindo o passado angolano*. p.29

Para Peter Burke, a Micro-história constitui uma reação à aproximação entre Antropologia e História. Até então, o método assentava-se nas grandes quantidades e nas descrições gerais. O olhar perante a lente do microscópio permitiu o deslocamento do eixo para o estudo das vivências cotidianas e das ações miúdas.

O corpus desta pesquisa constitui-se de dois conjuntos documentais: o primeiro corresponde à edição digital³⁸⁸ da Monumenta Missionária Africana (MMA), “o mais completo acervo documental publicado em língua portuguesa sobre a África Ocidental entre os séculos XIV e XVII”³⁸⁹ e os “Cadernos do Promotor”.

A MMA agrega documentos provenientes de mais de 30 instituições espalhadas pela Europa, África e América cuja temática central reportou-se ao contexto inicial de sua elaboração “Descobrimientos e Expansão Portuguesa”. Neste ínterim, cabe-nos destacar que Pe. Antônio Brásio tinha por objetivo “consolidar em Portugal a historiografia missionária ultramarina, particularmente, africana”. Era um dos seus objetivos, reunir em uma única obra, documentos fundamentais, inéditos ou não, referentes à “ação missionária e eclesiástica em África”.³⁹⁰

Além dos documentos dotados de um caráter explicitamente missionário, Padre Antônio Brásio atentou para a necessidade de incorporação/seleção de documentos que refletissem as condições sócio-políticas e econômicas onde se desenvolveu a ação missionária. Neste sentido, é possível afirmar que a MMA é mais do que um conjunto organizado de documentos com caráter missionário ou eclesiástico, trata-se

³⁸⁸ A edição digital da Monumenta Missionária Africana pode-se ser adquirida, diretamente, no Arquivo Histórico Ultramarino, sito a Calçada Boa Hora, 30, 1300-095, Lisboa, Portugal ou através do site: Disponível em: www2.iiict.pt Acesso em: 07 de agosto de 2021.

³⁸⁹ Monumenta Missionaria Africana – África Ocidental. Coligida e Antada pelo Padre Antônio Brasio. Edição Digital org. Manuel Jasmins Rodrigues, IICT, CHAM, Lisboa, 2011. P.2

³⁹⁰ [Idem, p. 4,5 e 6]

de um acervo documental composto por fontes diversas de caráter histórico, burocrático e administrativo, entre outros. Em seu bojo, localizamos “cartas, alvarás, provisões régias, cartas de capitães e governadores gerais”. Em suma, pode-se afirmar que na MMA estão reunidos quase todos os tipos de “fontes escritas produzidas e até então, conhecidas sobre “a História da África Ocidental nos séculos XIV a XVII”³⁹¹.

A edição digital, bem como sua comercialização, constitui bem mais do que uma homenagem ao trabalho de Padre Antônio Brásio ou o acesso a uma obra esgotada. Ao nosso ver, a digitalização da obra permite uma “popularização” da fonte entre os pesquisadores e estudantes de África.

Para a feitura desta nota de pesquisa pretendemos analisar documentos de tipologia variada que retratem a ação/pedagógica missionária, bem como a estrutura sócio-política e econômica de Angola e seus arredores no século XVII. É válido ressaltar que a diversidade temática é característica presente em boa parte dos documentos contidos no MMA.

A maior parte dos documentos contidos na MMA possuem dimensões físicas limitadas, ou seja, são pequenos e possuem caráter informativo. Muitos dos quais começam e se encerram em uma única folha. A média de tamanho varia de três a cinco páginas.

Considerações finais

O que se resultou em Angola foi um híbrido de duas culturas, Portugal trouxe consigo suas crenças, costumes, políticas e tentaram sobressair e implementar na cultura angolana suas especificidades. Entretanto a Angola se manteve resistente, criando meios para que não se mantivesse submissa

³⁹¹ Monumenta Missionaria Africana. p.03

ou pacífica a colonização, se colocando sempre ativa aos dizeres dos portugueses. O resultado foi uma mestiçagem de culturas e saberes. A historiografia sempre se manteve sob a ótica europeia, homogeneizando a África e colocando-a como inativa em sua própria história. Para aprofundamento, é positivo destacar o território angolano que possui uma diversidade vasta de seus povos como: Dembos, Mbaka, Imbangala, Kasanji, Songos, Haku, Kissama, Luanda, Luango, Ntemo, Tuna e mais ao sul na região de Benguela temos os Ndombe, Kakonda, Kilengues, Viye, etc. A disciplina História de Angola: Temas, Fontes e Perspectivas de Pesquisa, a monitoria e o grupo de estudos Lucala, acrescentaram para a nossa formação, em especial Angola, uma reconstrução sobre toda história que vimos na escola e em algumas historiografias ainda aplicadas no ensino superior. Por isso, é preciso uma nova visão que coloque os africanos angolanos como protagonistas e mostrando aprofundadamente todo o seu território multicultural.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANDIDO, Mariana Pinho. As comerciantes de Benguela na virada do século XVIII: o caso de dona Aguida Gonçalves. In: Carlos Liberato, Mariana P., Candido, Paul Lovejoy e Renée Soulodre-la France (coords). Laços atlânticos: África e africanos durante a era do comércio transatlântico de escravos. Luanda: Ministério da Cultura; Museu Nacional da Escravatura, 2017.
- CARVALHO, Flávia. Os homens do rei em Angola: sobas, governadores e capitães mores, séculos XVII e XVIII. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, 2013.
- FEEIRMAN, Steven. African Histories and the dissolution of World History. In: ROBER BATES, V.Y. MUDIMBE E JEAN O' BARR. Africa and the disciplines. CHICAGO_ LONDON, The University of Chicago Press, 1984. p. 4.
- HEINTZE, Beatrix. Angola nos séculos XVI e XVII. Estudos sobre Fontes, Métodos e História. 1ª ed. Luanda: Kilombelombe, 2007.

HENRIQUES, Isabel de Castro. Presenças angolanas nos documentos escritos portugueses. In: Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

HORTA, José Augusto N. Silva. A inquisição em Angola e Congo: O Inquérito de 1596-98 e o Papel Mediador das Justiças Locais. In.: Arqueologia do Estado. Primeiras Jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, Séculos XIII – XVIII. Vol. 1, Lisboa. História & Crítica, 1988. Pág. 387-415

OLIVEIRA, Vanessa. Mulher e comércio: A participação feminina nas redes comerciais em Luanda (século XIX). In: Angola e as Angolanas: Memória, Sociedade e Cultura. Orgs: Selma Pantoja, Edvaldo A. Bergamo, e Ana Claudia da Silva, Intermeios, 2016

OLIVEIRA, Vanessa. Donas, pretas livres e escravas em Luanda (séc. XIX). Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 447-456, set.-dez. 2018
Artigo recebido em 00/00/2000 e aprovado em 00/00/2000 (Não preencher o campo das datas)